

7/A URB MOV R 5

SE LIGA NO Sinal

Informativo do CEPEL - Centro de Estudos e Pesquisas da Leopoldina
Ano 8/ Número 37 - Out/Nov/Dez 98

CPV
2 NOV 1999
Setor de Documentação

O CEPEL está mudando

3



ELEIÇÕES 98: O REGAÇO DAS URNAS DA LEOPOLDINA

4/5



A MÚSICA DE CASSIANO

7

SE LIGA NO Sinalzinho

PARA LER E CURTIR
Para meninos e meninas
Nº 20 - ENCARTE



SE
LIGA
NO
Sinal

SISTEMA DE
INFORMAÇÕES A
NÍVEL LOCAL

JORNAL TRIMESTRAL
PUBLICADO PELO
CEPEL - CENTRO DE
ESTUDOS E
PESQUISAS DA
LEOPOLDINA, ENTIDA-
DE SEM FINS LUCRATI-
VOS PARA ASSESSO-
RIA AOS MOVIMENTOS
DA REGIÃO DA
LEOPOLDINA

COMISSÃO EDITO-
RIAL

Cristina M. (Kita) Eitler
Homero T. de Carvalho
Marize Bastos da Cunha
Victor Vincent Valla

COLABORARAM
NESTA EDIÇÃO

Norton Ribeiro
Denise Oliveira

ESTAGIÁRIO

Faculdade de Jornalismo UFF
Antonio Monteiro Stotz

APOIO

ADMINISTRATIVO
Adilson Guimarães

JORNALISTA
RESPONSÁVEL

Homero T. de Carvalho
(Mtb 1127/05/65v -PR)

COORDENAÇÃO DE
PRODUÇÃO

Kita Eitler

PROJETO GRÁFICO

Caco Chagas
Kita Eitler

EDITORAÇÃO
ELETRÔNICA

Zona Criativa (205 3220)

CAPA

Kita Eitler

APOIO

KFS
JUVENTUDE CATÓLICA
AUSTRIACA
FASE
ENSP/FIOCRUZ

O CEPEL autoriza
reprodução total ou
parcial dos artigos deste
jornal, bem como sua
utilização para fins
educativos. Solicitamos
citação da fonte e o envio
de cópia em caso de
publicação.

O povo percebe, percebe?

Resultado das eleições dá novo mandato a Éfe-agacê, mas demonstra desconfiança dos eleitores.

O governo FHC e seus aliados foram tímidos na comemoração dos resultados das eleições 98, que lhes deram mais um mandato presidencial. A expectativa de uma vitória espetacular, que seria consagrada por mais de metade dos votos, era anunciada às vésperas das eleições por toda a imprensa brasileira, totalmente envolvida no projeto reeleitoral. Afinal, tudo havia sido preparado para que isso viesse acontecer: além da cobertura favorável da imprensa, mais propagandística do que informativa, a legislação eleitoral foi arranjada para eliminar os votos brancos e nulos da apuração, permitindo a escandalosa continuação do presidente no exercício do cargo mesmo sendo ele candidato, garantiu um tempo de televisão dez vezes maior do que o previsto para Luis Inácio Lula da Silva, o principal concorrente de FHC, e tornou impossível o debate das propostas dos candidatos, mesmo quando ficou evidente o agravamento da crise econômica do país, ainda durante a campanha eleitoral. Resultado: além de ser o primeiro presidente reeleito da história da república brasileira, FHC foi o primeiro candidato eleito a não ter que confrontar publicamente suas propostas com as dos outros candidatos.

Mas, então, por que a comemoração da vitória foi tão discreta? Algumas manchetes inevitáveis deram conta da "vitória" de FHC e mais nada - nenhuma festinha de arromba, como aquelas que os empresários promoveram em boates do Rio de Janeiro a cada estatal privatizada durante o primeiro governo Éfe-agacê. De resto, os mesmos empresários que investiram 43 milhões de dólares na campanha de reeleição, quatorze vezes o custo da campanha de Luis Inácio Lula da Silva.

Uma análise objetiva dos resultados da eleição, considerando os votos nulos, brancos e as abstenções, pode dar uma indicação: ao contrário do que dizia a propanganda, FHC não foi reeleito com mais da metade dos votos, mas apenas com um pouco mais de um terço deles, ficando os outros dois terços divididos entre os candidatos de oposição e os votos nulos e brancos, pela primeira vez não computados, e as abstenções. Este é o resultado da reeleição na marra e que, em menor escala, se repetiu na região da Leopoldina, como se pode verificar na matéria da página central desta edição do Se Liga no SINAL.

Passada a eleição, fatos recentes podem indicar porque o eleitorado ficou desconfiado e acabou dando uma vitória apertada ao projeto reeleitoral. A desconfiança, que se confirma nestes últimos meses de 98, é de que havia alguma coisa errada no grande projeto de transferência do patrimônio público para mãos privadas, a chamada privatização. E há!

A privatização é o eixo da proposta éfeagaciana para o Brasil. Mas a briga dos próprios interessados em pôr as mãos privadas no que é público tem exposto muitos detalhes do que é o tal eixo: negociações mal explicadas, interesses econômicos poderosos contrariados, inclusive dos donos dos meios de comunicação, com olho grande na infra-estrutura

**“Por que
a comemoração
da vitória da reeleição
foi tão discreta?”**

de telecomunicações, o uso de recursos públicos do Banco do Brasil e do BNDES para financiar os “compradores” das estatais... etc... etc. Tudo isso pode ser ouvido nas fitas “grampeadas” divulgadas neste final de ano com as conversas dos administradores da privatização, além do estilo “gangster” de negociação, que entra para a história política como exemplo do tratamento que as elites usam para lidar com os negócios públicos do país.

Outra confirmação da desconfiança do eleitorado: a perda crescente de direitos sociais garantidos pela Constituição, como a idade mínima de aposentadoria, e a fraqueza das propostas éfeagacianas para enfrentar a crise econômica - todas as propostas também atingem direitos sociais, como o contrato temporário de trabalho, que nem os empresários ousam aplicar. Recentemente, ficou clara ainda

a negociação da quebra de

mais direitos sociais
dos brasileiros em
troca de recursos
do Fundo
Monetário

Internacional para garantir
a alta rentabilidade do
dinheiro especulativo externo.

Na verdade, à crise econômica que se quer dividir com todo o país é apenas a crise da base de sustentação financeira do projeto éfe-agacê.

Confirma-se assim a maior desconfiança do eleitorado: o candidato reeleito é apenas um cara-de-pau, percebe?



Aos Leitores

CEPEL ESTÁ MUDANDO

A partir da sua história na Leopoldina, entidade está propondo atuação nacional através da articulação com a ENSP/Fiocruz e CONEPS.

Ao celebrar seu décimo ano de existência, o Centro de Estudos e Pesquisas da Leopoldina, o CEPEL, está propondo a modificação da sua forma de atuar na Região da Leopoldina. Originalmente, nossa entidade nasceu como proposta no interior da Escola Nacional de Saúde Pública, da Fundação Oswaldo Cruz. Até hoje há um convênio de intercâmbio entre o CEPEL e a ENSP/FIOCRUZ. No interior da Escola, a relação principal do CEPEL é com o Departamento de Endemias Samuel Pessoa. Lentamente, através deste intercâmbio, tem sido possível construir um programa acadêmico, que inclui disciplinas do programa de Mestrado/Doutorado da Escola, um curso de aperfeiçoamento em educação e saúde, orientação de dissertações e teses, projetos de pesquisa, juntamente com a equipe de CEPEL, e uma extensa lista de publicações como resultado deste programa — tudo em torno da assessoria aos movimentos populares e da busca da compreensão da fala, crenças e organização das classes populares da Região da Leopoldina, do Brasil e da América Latina.

O resultado dessa longa relação ENSP - CEPEL tem sido o desenvolvimento de uma metodologia de trabalho e pesquisa em torno da compreensão das relações entre profissionais de Educação e Saúde e as classes populares. Como instrumentos desse entendimento, além das pesquisas, o CEPEL organizou um grande acervo de informações procedentes de diferentes fontes (movimento popular, dados oficiais, imprensa, ...) sobre as condições de vida e de saúde da Região da Leopoldina, e um jornal, este SELIGA NO SINAL, agora no nº 37, voltado para as lideranças comunitárias e profissionais de educação e saúde.

Na medida em que a crise das condições de vida e de saúde se aprofunda no Brasil, e diante das crescentes necessidades da entidade em ampliar a difusão da sua proposta; mas também diante da crescente disposição da ENSP em absorver este tipo de trabalho, tem surgido a idéia de incorporar o CEPEL no interior do Departamento de Endemias Samuel Pessoa, no que se chamaria o **PROGRAMA DE APOIO À REDE DE EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE**. Nessa nova iniciativa estariam participando, pela ENSP, o próprio **Departamento de Endemias Samuel Pessoa (DENSP)** e o **ELOS (Núcleo de Estudos Locais em Saúde)**, e, como parceiros externos, o **CEPEL** e a **Comissão Nacional de Educação Popular em Saúde (CONEPS)**. A proposta do Programa-Rede implicaria nas seguintes mudanças:

→ transformar a proposta de atuação local do CEPEL em modelo para o nível nacional, sem abrir mão da rede de articulação que já existe com as entidades da Região da Leopoldina;

→ ampliar a socialização dos conhecimentos adquiridos na atuação do CEPEL para outros profissionais que trabalham diretamente com as classes populares;

→ publicar um jornal de alcance nacional sobre as relações de profissionais de educação e saúde com as classes populares;

→ fundir a rede de articulação da CONEPS com a rede de articulação das entidades da Região da Leopoldina;

→ introduzir a proposta metodológica do CEPEL no interior da Escola Nacional de Saúde Pública/Fiocruz; e

→ transferir a sede do CEPEL para o interior da Escola Nacional de Saúde Pública.

Para debater essas propostas, a equipe do CEPEL, profissionais da ENSP/Fiocruz e de outras partes do Brasil e Argentina juntamente com integrantes do movimento popular se reuniram numa Oficina de Trabalho nos dias 3 e 4 de dezembro.

Nessa Oficina foram tiradas duas comissões de trabalho, uma *coordenação internacional* e a *secretaria executiva*.

Coordenação Internacional

Eymard Mourão Vasconcelos - *Universidade Federal da Paraíba* (coordenador)

Maristela Fantin - *Universidade Federal de Santa Catarina*

Mônica de Assis - *Universidade Estadual do Rio de Janeiro*

Sylvia Berman - *Movimento de Saúde Integral - Córdoba, Argentina*

Maria Helena Lopes - *Secretaria Estadual de Saúde - Cuiabá, Mato Grosso*

Eliane Santos Souza - *Universidade Estadual de Campinas/São Paulo*

Elisabeth L. M. Smeke - *Pontifícia Universidade Católica de Campinas/São Paulo*

Edson Cunha - *Conselho Comunitário de Saúde, Zona Sul - Londrina, Paraná*

Rosalina Batista - *Conselho Comunitário de Saúde, Zona Sul - Londrina, Paraná*

Victor Vincent Valla - *Escola Nacional de Saúde Pública-Fiocruz / Cepel - Centro de Estudos e Pesquisas da Leopoldina - Rio de Janeiro*

Mariza Maria Conceição do Nascimento - *Morro do Adeus/ Conselho Distrital de Saúde da AP3.1, Rio de Janeiro*

Secretaria Executiva

Eduardo Navarro Stotz - *Escola Nacional de Saúde Pública/Fiocruz - Cepel, Rio de Janeiro* (coordenador)

Victor Vincent Valla - *Escola Nacional de Saúde Pública/Fiocruz - Cepel, Rio de Janeiro*

José Wellington G. Araújo - *Escola Nacional de Saúde Pública/Fiocruz/Elos - Estudos Locais de Saúde, Rio de Janeiro*

Mariza Maria Conceição do Nascimento - *Morro do Adeus/ Conselho Distrital de Saúde da AP3.1, Rio de Janeiro*

Heloísa Lima Cerqueira - *Escola Nacional de Saúde Pública/ Conselho Distrital de Saúde da AP2.2, Rio de Janeiro*

Após entendimentos com a ENSP na busca de condições para viabilizar as propostas, o CEPEL passou a ocupar uma sala na Escola (*prédio da Expansão*). Veja abaixo o novo endereço do CEPEL

Av. Brasil, 4036 – sala 907

Bairro: Manguinhos CEP: 21040-360

Rio de Janeiro – R.J

Tel: 590 9122 (ramal 307) provisório



ELEIÇÕES 98: O REGADO DAS URNAS DA LEOPOLDINA

As últimas eleições deixaram várias questões importantes a serem discutidas pela sociedade. O eleitor deixou o seu recado nas urnas, quando votou para cinco diferentes cargos: Presidente, Governador, Senador, Deputado Federal e Deputado Estadual. O Se Liga No Sinal fez uma pesquisa em sete zonas eleitorais da região da Leopoldina, procurando descobrir qual foi o recado dos eleitores.

Antonio Monteiro Stotz e Norton Ribeiro

As zonas eleitorais pesquisadas, e que totalizam 317.613 votos, foram as seguintes: 11ª (Penha e Olaria), 161ª (Bonsucesso, Complexo da Maré e Manguinhos), a maior delas, com 63.708 eleitores distribuídos em 138 seções, 162ª (Brás de Pina, Cordovil, Parada de Lucas e Vigário Geral), 176ª (Vigário Geral, Jardim América e Parada de Lucas), 188ª (Olaria, Penha Circular, Penha, Vila Cruzeiro, Grotão e Parque Proletário da Penha) e 189ª (Brás de Pina, Vila da Penha e Penha Circular) 121ª (Olaria), que é a menor delas, com 36.798 eleitores e 79 seções. Mas o número total de eleitores das zonas não quer dizer que todos eles tenham votado. É que foi alta a abstenção na região, com índices entre 17,52% - na 121ª - e 19,58% - nas zonas 162ª e 176ª. Tirando-se uma média, esse índice ficou em 18,77%. Isso quer dizer que, daquelas 317.613 pessoas, 54.946 não exerceram seu direito de voto.

Abstenção chegou a 18% na Leopoldina

Esse dado é muito importante, pois vemos que quase um quinto da população (das zonas eleitorais pesquisadas) não se interessou em ir votar, não viu sentido em expressar suas opiniões sobre os rumos do país. Levando-se em conta a impressionante constatação de que a soma das abstenções e dos votos nulos e brancos para presidente em todo o país chegou a 38,3 milhões, vemos que a Leopoldina acompanhou esta tendência. Se mais de um terço dos 106 milhões de eleitores brasileiros não votaram no candidato vencedor, Fernando Henrique Cardoso, que teve 35,9 milhões (ou seja, menos que a soma das abstenções, dos votos nulos e brancos), alguma coisa está errada. O "recado das urnas", que FHC insistiu em divulgar como "voto de confiança", foi outro: a população não endossou o projeto reeleitoral.

O desinteresse e o protesto

A legislação eleitoral sofreu uma importante modificação nesta eleição: foram excluídos, da contagem de votos válidos, aqueles que eram nulos e brancos. Assim, ao serem computados pelo TSE (Tribunal Superior Eleitoral) esses votos foram automaticamente excluídos da contagem geral, o que possibilitou a eleição de Fernando Henrique ainda no 1º turno. Se tivesse sido mantida a antiga legislação, ele teria que ter ido para o 2º turno (e enfrentado o candidato Luís Inácio Lula da Silva), pois a soma dos seus votos não seria maior do que o do restante dos candidatos e dos nulos e brancos.



- Área Pesquisada**
- 1 Jardim América
 - 2 Vigário geral
 - 3 Parada de Lucas
 - 4 Cordovil
 - 5 Brás de Pina
 - 6 Penha Circular
 - 7 Penha
 - 8 Olaria
 - 9 Ramos
 - 10 Bonsucesso
 - 11 Manguinhos
 - 12 Complexo do Alemão
 - 13 Complexo da Maré

A disputa pela presidência na Leopoldina

Na disputa presidencial o candidato da Frente Muda Brasil (PT/PDT/PSB/PCB e PC do B), Luís Inácio Lula da Silva, obteve a maioria dos votos na região. Em seguida apareceu o candidato à reeleição Fernando Henrique Cardoso (PSDB/PFL/PPB/PMDB/PTB e PSD), e logo após Ciro Gomes (PPS/PL e PAN).

Veja os números (em votos válidos) para Presidente:

Lula - 44,49% (12.690 votos) **Votos Brancos:** 3,22% (988 votos)
FHC - 38,44% (11.347 votos) **Votos Nulos:** 12,51% (3.892 votos)
Ciro - 11,03% (3.664 votos)

A maior votação de Lula se deu na 162ª Zona (14.094, ou 47,67% dos votos) e a menor na Zona Eleitoral nº 121 (10.762, ou 41,71% dos votos). Fernando Henrique Cardoso obteve sua maior votação na Zona 176 (12.874 ou 40,56% dos votos). Seu pior desempenho foi na Zona 162 (10.962 ou 37,08% dos votos). A diferença entre Lula e Fernando Henrique ficou em 6,05% dos votos válidos. Quando se computam todos os votos (ou seja, os válidos mais os nulos e brancos) essa diferença aumenta para 6,16%.

Constatamos que, no plano da política nacional, a região da Leopoldina não direcionou a maior parte de seus votos para o candidato que se apresentava como o candidato da "ordem", em oposição ao "caos", e que seria o único capaz de dar continuidade à estabilidade econômica. Embora todo país sofra com a crise instalada há muito tempo, a mídia e a campanha do governo insistiram em maquiagem, perante a opinião pública, os problemas advindos dela. Mas não obtiveram tanto sucesso como se tem dito.

Senador

Na disputa para Senador, o candidato Roberto Campos (PFL/PPB/PTB), da mesma chapa do candidato César Maia, foi o vencedor na Leopoldina. Mesmo assim acabou, como seu companheiro, não sendo eleito, perdendo para Saturnino Braga, da Frente Muda Brasil (PDT/PT/PSB/PCB e PC do B).

Roberto Campos - 41,66% (dos votos) **Votos Brancos** - 6,8% (dos votos)

Saturnino Braga - 34,21% (dos votos) **Votos Nulos** - 15,76% (dos votos)

A diferença entre Campos e Saturnino ficou em 7,45% (dos votos válidos) e 5,72% da totalidade dos votos.

Governador

Para o governo do Estado, o candidato do PFL/PPB e PTB, César Maia, obteve melhor desempenho do que Anthony Garotinho (PDT/PT/PSB/PCB/PC do B). No entanto, a diferença de votos na região não foi tão expressiva, ficando em 4,24% dos votos válidos e 3,64% do total. César obteve a maior votação em cinco zonas eleitorais, enquanto Garotinho venceu em duas.

A Leopoldina parece ter contido um pouco o avanço de César Maia já que na capital sua votação foi bem maior do que Garotinho.

Em sua campanha eleitoral, César Maia deu grande enfoque ao Programa Favela-Bairro, dizendo que iria expandi-lo para todo o Estado do Rio. Tal projeto atingiu diretamente a nossa região no período em que César esteve na prefeitura do Rio, gerando grandes discussões. No entanto, mesmo tendo o projeto como um de seus principais cabos eleitorais, sua votação por aqui não foi tão expressiva. Seu melhor desempenho se deu na Zona 011, com 15.977 ou 50,1% dos votos e seu pior na 162ª, onde recebeu 11.555 ou 39,54% dos votos. Já Garotinho obteve sua melhor votação no Zona 162 (13.135 votos, ou 44,94%). Sua pior votação foi na Zona 011 (11.428 ou 35,83% dos votos). As porcentagens são dos votos válidos. Veja a média de todas as Zonas Eleitorais:

César Maia - 44,79% (dos votos) **Votos Brancos** - 3,76% (dos votos)
Garotinho - 40,29% (dos votos) **Votos Nulos** - 12,82% (dos votos)
Luiz Paulo - 10,81% (dos votos)

Os dados que o Se Liga no Sinal obteve sobre o pleito para governador dizem respeito apenas ao 1º turno.

Votos nulos e brancos não foram considerados válidos, falseando o resultado eleitoral.



Deputado Estadual

A votação para Deputado Estadual seguiu a mesma lógica do restante do estado: Sérgio Cabral Filho foi o vencedor em todas as zonas eleitorais pesquisadas. Outros dados da votação para deputado estadual são:

Votos Brancos: 5,22%
Votos Nulos: 6,11%
Votos na Legenda: 22,33% (votos válidos)
19,8% (total de votos)

Deputado Federal

A pesquisa feita pelo Sinal levou em conta apenas os dez deputados mais bem colocados na região. Miro Teixeira, candidato do PDT/PCB e PC do B obteve um desempenho excepcional: ficou em primeiro lugar em três zonas (11, 162 e 189) e em segundo lugar nas quatro restantes.

Vejam os dados sobre a eleição para Deputado:

Votos Brancos: 5,72%
Votos Nulos: 6,49%
Votos na Legenda: 22,57% (votos válidos)
19,81% (totais)

Verificamos que cai a porcentagem dos votos brancos e nulos, uma queda ocasionada pela existência do voto na legenda, onde o eleitorado tem mais facilidade para votar, já que é necessário apertar dois botões ao invés de quatro.



Como ficamos

Nesta última eleição os partidos de oposição aumentaram a sua representação política, elegendo mais governadores, senadores, deputados federais e estaduais. Um novo cenário está se fazendo presente, com entendimentos para a formação de uma frente de resistência ao projeto do governo FHC e seus aliados. Mas só o tempo dirá se essa idéia irá vingar ou não.



CRECHES NA LEOPOLDINA

30 anos de luta pela conquista de um direito ainda incompleto

Aplicação da nova lei da educação em 1999 poderá provocar falta de vagas

Marize Cunha e Denise Oliveira

Entre os vários serviços sociais que chegam às comunidades, certamente um dos mais valorizados é o pré-escolar. É ele que garante maior tranquilidade às mães que trabalham, tornando possível que suas crianças não fiquem trancadas em casa, mas mantendo-as também fora das ruas. É ele também que apresenta as crianças ao mundo das artes, da leitura e da escrita e estimula sua socialização.

Não é à toa que no Rio de Janeiro e em todas as grandes cidades brasileiras, desde 1970, associações de moradores e grupos de mulheres se mobilizam e organizam-se, procurando implantar creches e escolas em seus locais de moradia, assumindo a responsabilidade de um serviço que é dever constitucional e que deveria ser oferecido pelo Estado.

Lá se vão então quase 30 anos de luta por creches em nossas cidades. Ao longo deste caminho, o pré-escolar foi sendo assumido pouco a pouco pelo Estado. Desde que foi criada, em 1979, a SMDS (Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social) foi se responsabilizando pela oferta de pré-escolar no município. Nos últimos anos, a rede desta Secretaria se expandiu: houve a implantação de novas creches pela própria SMDS, mas o crescimento deu-se também através do apoio a creches que já estavam em funcionamento e que haviam sido construídas por iniciativa das comunidades ou de entidades civis.

Na Leopoldina, identificamos atualmente 46 iniciativas de pré-escolar ligadas à rede da SMDS, sendo que três delas encontram-se fechadas: Bonsucesso (13 unidades, das quais três estão fechadas), Manguinhos (5 unidades), Ramos (7), Penha/ Penha Circular (9), Brás de Pina (4), Cordovil (2), Parada de Lucas (3), Vigário Geral (1) e Jardim América (2).

A relação das creches com a SMDS

A relação destes serviços com a SMDS, depende do tipo de apoio recebido pela Secretaria.

Apoio integral: quando a creche funciona em prédio público, mantido pela SMDS, conta com funcionários municipais, recebendo também alimentação e material pedagógico da Secretaria;

Convênio: quando a creche recebe alimentação e tem funcionários contratados por uma entidade civil mas pagos pela SMDS, estes funcionários são geralmente moradores da própria comunidade onde se localiza a creche. A maioria das creches da Leopoldina estão neste caso.

Apoio nutricional: a SMDS fornece apenas a alimentação.

Algumas creches localizam-se em prédios da Prefeitura, mas a maioria funciona mesmo em instalações de associações de moradores ou Igrejas (católicas, protestantes e centros espíritas) e oferecem horário integral de 7 às 17 horas. O número de crianças atendidas varia, dependendo das instalações, do número de funcionários e da possibilidade de conseguir recursos financeiros para ajudar na manutenção e folha de pagamento. Na verdade, são várias as creches que precisam correr atrás de apoio de Igrejas, associações de moradores ou entidades estrangeiras.

Há aquelas que chegam a conseguir profissionais voluntários que fazem atendimento médico, odontológico, psicológico às crianças das creches. Algumas dizem que há ainda pouco investimento público, apesar de haver muita cobrança por parte da SMDS.

De acordo com os profissionais das creches, além do poucos recursos financeiros, há outras dificuldades a serem enfrentadas. São elas:

- ☞ Falta de continuidade dos trabalhos iniciados pelas creches, principalmente com crianças portadoras de deficiências físicas.
- ☞ Dificuldade de realização de um trabalho que envolva família-creche-criança.
- ☞ Dificuldade de reciclagem dos funcionários das creches que ganham pouco e precisam ter outras atividades para complementar o salário, não tendo tempo de participar de cursos de atualização
- ☞ Reclamação das mães em relação à mudança na idade das crianças atendidas pelas creches.

Esta última questão tem gerado controvérsias nas creches e comunidades nos últimos anos. Tudo isso porque as creches recebiam crianças até seis anos mas, recentemente, vêm se adaptando à nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional que determina que a educação infantil deve ser oferecida em creches para crianças de até três anos de idade; em pré-escolas para as crianças de quatro a seis anos de idade

Seguindo esta lei, uma nova resolução assinada pela SMDS e pela Secretaria Municipal de Educação determina que cabe às creches atender apenas as crianças que possuem até três anos e 11 meses. A partir de quatro anos, as crianças devem ser encaminhadas aos cursos pré-escolares da Secretaria Municipal de Educação.

Já no próximo ano, dentre as 39 escolas da rede pública municipal que possuem educação infantil, 14 (na maioria CIEPS) estarão oferecendo o pré-escolar em horário integral. Pais e profissionais perguntam-se se estas escolas vão conseguir absorver as crianças acima de quatro anos que estão deixando as creches e também as outras, não encaminhadas pelas creches ou, ainda, se estas escolas contarão com professores para atender às novas turmas.

Sem dúvida, o problema maior é que as escolas de horário integral são poucas e mal distribuídas. Um exemplo: na região que possui o maior número de escolas com educação infantil (área de Bonsucesso e Ramos, que atende ao Complexo da Maré), há apenas quatro escolas com pré-escolar em horário integral para receber as crianças que vão sair de pelo menos nove creches ligadas à rede da SMDS, que atendem as comunidades da área. Na área das comunidades que ficam em Olaria, Penha e Penha Circular, o quadro não é diferente: são quatro escolas para atender as crianças vindas de seis creches. Bem pior é o caso das crianças que vivem nas comunidades do Complexo do Alemão: contam com cerca de cinco creches para atendê-las, mas a situação tende a piorar já que não existe nenhuma escola com horário integral na área - a mais próxima fica em Olaria.

Poucas escolas com horário integral ou a distância entre a escola e a casa, o que pode significar que a criança fique fora da escola - estes são apenas alguns problemas para 1999. Para as creches, a mudança pode até implicar em expansão das vagas destinadas às crianças menores, mas por outro lado pode também trazer dispensa dos professores contratados para atender ao pré-escolar.

A maioria das mães necessita e quer que suas crianças estudem em locais próximos à moradia, de preferência na própria comunidade e com horário integral, Na verdade, querem apenas ter acesso a um direito. *Direito que elas lutaram muito para conquistar.*



CASSIANO: forró para alimentar a massa

Antonio M. Stotz e Norton Ribeiro

“Cassiano & Grupo Beija Flor” - este é o novo CD de forró que já está na praça. Para quem acompanha o movimento cultural da Leopoldina, este não é apenas mais um disco do ritmo que está tomando conta do Rio de Janeiro. Este é o som do Cassiano que, há alguns anos, anima bailes de forró em toda a cidade e que também já atuou nos movimentos populares da Leopoldina, região em que mora desde que chegou na cidade... Bom, leiam o papo com o companheiro Cassiano.



SINAL: Qual a sua história aqui na região?

Cassiano: Essa história é muito comprida, rapaz.... ela começou em setenta e nove, quando vim do Nordeste pra cá. A gente fica lá no Nordeste pensando que aqui é mil maravilhas. Quando a gente chega aqui, a gente se depara com um montão de

coisas, é tudo difícil mesmo. Comecei trabalhando numa obra na Rio Branco, João Fortes, né? Trabalhei uns quatro, cinco meses lá. Em 79. Depois...

SINAL: Você veio morar já aqui na região da Leopoldina?

Cassiano: Já, eu já morava ali no Morro do Adeus. Aí dei um tempo e voltei pro Nordeste, fui visitar a minha mãe e depois voltei de novo. Sei que entre 79 e 90 fiz umas dez viagens pro Nordeste. Eu não conseguia ficar mais de um ano, dez meses, voltava.

SINAL: Você já era músico nessa época?

Cassiano: Não. Meu pai, em setenta, quando ele estava aqui no Rio, comprou uma sanfoninha de 80 baixos e mandou pra mim lá no Nordeste. Meu tio Bastos, também já falecido, foi quem levou. Chegando lá, minha mãe falou: “Ah, você não vai tocar não, porque você vai quebrar o acordeom. Eu disse: “Se não for pra tocar pode mandar de volta”. Aí o meu tio falou: “Não, ele mandou, tem que tocar a sanfoninha dele aí”. Eu comecei arranhando lá, mas quando saí de lá em 79 eu deixei lá. Da outra vez que eu fui, em 80, trouxe ela de volta. Em 82, comecei a ter umas aulas aqui no Rio. Comecei a ir na Feira (de São Cristóvão), que na Feira tem muito forró. Aí ficamos tocando uns forrozinhos, de vez em quando a gente ia lá e tocava. Apareceu um cara lá me chamando pra tocar no Trio Beija-Flor, na época era Trio Beija-Flor, isso em 83. Aí comecei no Trio, toquei uns quatro anos no Forró de São Cristóvão, na rua Figueira de Melo, 200. E apareceu lá um pessoal de rádio, era rádio Manchete, Capital. Continuamos tocando lá, até 88. Pintou também um pessoal da tevê, canal 9. Nós fizemos bastante tempo com eles lá, uns dois meses de fundo de programa. Aí começaram a melhorar as coisas, fui trabalhar no Forróbodó, depois fui pro Copa Show. Foram pintando mais rádios, coisas por aí...

SINAL: Na Leopoldina tem alguma casa de forró legal?

Cassiano: De 94 a 96, eu fiz o Forró do Geraldão, que era aqui no Taifeiros, em Bonsucesso e hoje é no Bonsucesso Futebol Clube. Começamos com 50 pessoas depois, em dois anos, já tava com mil, mil e duzentas pessoas. Depois nós saímos de lá.

SINAL: De qual cidade você veio?

Cassiano: Vim de Patos, na Paraíba, 3500 quilômetros de distância daqui. Já fui uma vez de avião pra lá, por causa da viagem da França, nunca tinha viajado de avião, aí eu queria viajar pra saber como é que era. E eu não ia fazer uma viagem

de dez, doze horas...

SINAL: Como é que foi essa viagem pra França?

Cassiano: Veio um francês aí que queria levar grupos de forró, pagode, chorinho, MPB, escola de samba. Na época que me convidaram, eu tava na feira, tocando por lá.

SINAL: E onde você tocou na França? Em alguma casa de show?

Cassiano: Nós tocamos num teatro, tocamos num palácio lá. Tocamos até pra Madame Mitterrand - ela soube que nós estávamos na cidade, pediu pra gente tocar. O projeto era pra divulgar a cultura brasileira, no caso eu ia representando a cultura do Nordeste. Ficamos lá 23 dias, teve muita gente que foi pra Holanda, Itália, mas eu fui pra casa que eu já tava com uma fome danada.

SINAL: E essa história de churrasco?

Cassiano: Ô, rapaz, Tinham muitas programações lá. Tinha palestras nas escolas para apresentar instrumentos, tinha passeios, pra conhecer a montanha. Esse churrasco foi como um pique-nique na neve. Nós subimos no teleférico, fizeram uma base de gelo e garrafas de vinho. Tinha vinho, queijo à vontade.

SINAL: Cassiano, como é que foi o seu trabalho na Associação de Moradores do Morro do Adeus?

Cassiano: Foi muito bom, como

experiência. Eu acho que se fosse pagar o que aprendi nesse tempo não tinha dinheiro que pagasse. Conheci o pessoal do CEPEL, era analfabeto, consegui fazer meu primeiro grau na Escola Politécnica (Fiocruz), em 93. Mas antes eu não estava na Associação ainda não, era agente de defesa civil comunitário. Aí fizemos uns projetos, *projeto vassourinha*, pra limpar a comunidade. Fiz muito mutirão - sem ser remunerado - pra limpar a comunidade. No primeiro, nós tiramos vinte toneladas de lixo, no segundo - quarenta dias depois - mais vinte. Aí a rua que a gente queria limpar ficou limpa. Nós bolamos, então, o projeto do gari comunitário e nunca que vinha, nunca que vinha. Em 96, consegui o gari comunitário.

CEPEL: Você já trabalhou com outros grupos?

Cassiano: Eu também trabalhei com o Trio Forrozão... acho que antes de ir para a França, porque eles tavam sem sanfoneiro, aí fui tocar com eles. Tava sem fazer nada e a Feira era sempre muito boa, eu gostava... só que é muito trabalho você tocar de nove da noite até duas da tarde.

CEPEL: Como é que é? De nove da noite...

Cassiano: É de nove da noite no sábado até às duas da tarde no domingo. Tem que ter muito preparo. Toquei com eles uns seis meses na Feira.

CEPEL: Você faz show quase todo dia?

Cassiano: Faço três vezes por semana: Quinta, sexta, sábado e às vezes domingo.

CEPEL: E como é que está indo a venda desse CD?

Cassiano: Esse CD eu lancei no dia 10 de outubro, fiz 1150 cópias, vendo no show e tô vendendo por aí. Vendi 450, quase 500. Saiu pela fábrica da Sony, é um trabalho independente.

A íntegra das entrevistas desta série pode ser consultada no Centro de Documentação das Condições de Vida da Leopoldina (Ced-Vida), mantido pelo CEPEL.



8

Selecioneamos alguns trechos publicados recentemente em colunas da imprensa. Ao contrário do que pode fazer entender o noticiário geral, principalmente da televisão, eles podem ser compreendidos como verdadeiros relâmpagos que nos permitem ver a crise política e econômica em que o país vai sendo empurrado.

“**A** gente brasileira não está diante da queda das estatísticas, mas de um tempo de mais miséria, mais violência, mais doença não tratada, mais assaltos, mais uma “safra” de trombadinhas e trombadões, eles também empurrados para a violência contra a classe média, impulsionados por incortonaíveis dificuldades financeiras. (...) Em qualquer país do mundo, diante de uma crise - verdadeira “emergência nacional” - governo e oposições se mobilizam para reduzir, o máximo possível, os efeitos desastrosos dos “pacotes” de ajuste - porque existem caminhos, armas de política econômica para isso. (...) As famílias brasileiras estão sendo tangidas para o caos, como bois para o matadouro. Deveriam exigir providências alternativas do presidente da República, do Congresso Nacional, dos governadores, Assembléias e prefeitos.” (Aloysio Biondi, jornalista econômico. Folha de São Paulo, 26. 11. 98)

“**E**m meio à confusão e incerteza dos últimos meses, podem estar sendo criadas as condições para uma desvalorização mais expressiva da taxa de câmbio. Algo como 15% a 20%, talvez no início do mês que vem”. (Paulo Nogueira Batista Jr., economista e professor da FGV. Folha de São Paulo, 12.11.98)

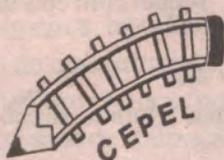
“**U**ma breve análise dos números finais das eleições mostra que FHC foi reeleito com o apoio de apenas um terço do total de eleitores. Se considerarmos que 67% dos eleitores votaram nos outros candidatos ou em branco, anularam o voto, ou sequer compareceram à votação, chegamos ao índice de 33% de aprovação. Índice medíocre para um candidato que contou com o comprometimento escancarado dos meios de comunicação, dos institutos de pesquisa e usou e abusou da máquina do Estado. Basta lembrar que o Ministro da Previdência, Waldeck Ornelas, enviou, no início de agosto, carta a 17,6 milhões de aposentados e pensionistas, com críticas à oposição e elogios à FHC, gerando pequena despesa de 4,9 milhões para o governo”. (Editorial do Jornal da ASFOC - Associação dos Funcionários da Fundação Oswaldo Cruz, set/out 98)

“**É** falsa a informação segundo a qual as primeiras notícias das fitas do BNDES só chegaram ao governo nas últimas semanas. Na primeira semana de setembro, já se sabia que havia telefones interceptados... é falsa a informação segundo a qual poucas pessoas sabiam do caso. Contam-se às dezenas as personalidades bem informadas de Brasília que sabiam das fitas”. (Elio Gaspari, Folha de São Paulo, 11. 11. 98)

“**●** Brasil possui a maior desigualdade social entre os países latino-americanos, segundo estudo do BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento). De acordo com a pesquisa, (veja o quadro) a região concentra as maiores desigualdades do mundo. Nos países mais industrializados, os 5% mais ricos têm 13% da renda nacional. Na África, o grupo dispõe de 24%. Já na América Latina, têm 25%. No Brasil, os 10% mais ricos recebem 47% da renda”. (João Batista Natali, Folha de São Paulo, 14.11.98)

| Países | 10% mais ricos (% posse da renda nacional) | 10% mais pobres (% posse da renda nacional) |
|-------------|---|--|
| Brasil | 47,0 | 0,8 |
| El Salvador | 39,4 | 1,0 |
| Argentina | 35,9 | 1,5 |
| Venezuela | 35,8 | 1,6 |
| Peru | 35,4 | 1,5 |
| Costa Rica | 34,2 | 1,4 |
| Uruguai | 32,3 | 1,8 |

CENTRO DE ESTUDOS E
PESQUISAS DA
LEOPOLDINA



Av. Brasil, 4036 - sala 907
Manguinhos
Cep: 21040-360
Tel: 590 9122 (ramal 307)
E. Mail: ongcepel@ax.apc.org
Rio de Janeiro

IMPRESSO

SE
LIGA
NO

Sinal

Se você gostou do SINAL, faça uma assinatura. Você estará contribuindo para a continuidade deste trabalho. Assinatura anual: R\$ 10,00.

NOME: _____

PROFISSÃO: _____

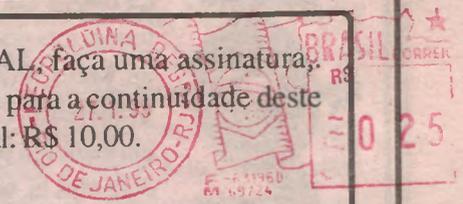
ENDEREÇO: _____

TEL: _____

BAIRRO: _____

CEP: _____

CIDADE: _____



CENTRO DE DOC E PESQUISA VERGUEIRO
São Domingos, 224
Vista
Paulo

SP 01.326-000

SE
LIGA
NO
SI
NAL